



Sala com alunos do curso de administração da Uniflato; aulas começam às 23h e vão até a 1h45

# Aluno tem aula de madrugada em centro universitário

Horários alternativos —a partir das 5h45 ou após as 23h— e mensalidade mais barata são principais atrativos de cursos

**Padeiro que tinha trancado a matrícula por ter de trabalhar diariamente das 7h às 22h voltou a estudar com a abertura de curso**

PAULO SAMPAIO  
DA REPORTAGEM LOCAL

Um grupo de garçons jogando bola de madrugada no Aterro do Flamengo, no Rio, despertou no empresário Hélio Athia Jr. a ideia de criar horários alternativos em cursos universitários, para atrair quem sai muito tarde do trabalho —ou não tem tempo de dia.

“Eu estava insone, no quarto do hotel, quando vi aqueles rapazes disputando uma pelada. Desci, conversei com eles e concluí que, se tinham disposição para jogar bola, poderiam estar estudando”, diz Athia Jr., que é pró-reitor do centro universitário Uniflato, em Santo Amaro (zona sul de SP).

Isso foi no fim de 2007. Em agosto do ano passado, o Uniflato inaugurou no horário das 5h45 às 8h30 uma turma de administração de empresas. Em janeiro deste ano, criou uma segunda opção de horário, das 23h à 1h45, abriu mais quatro turmas e acrescentou cursos de tecnologia de recursos humanos e pedagogia.

Agora, são 180 alunos. A carga horária é a mesma dos cursos diurnos, porém, redistribuída. A conclusão do curso se dá em 22 semanas, com aulas de três horas, e não em 17 semanas, com aulas de quatro horas.

## Autorização do MEC

Diferentemente das faculdades, que precisam de autorização do MEC para a criação de cursos superiores, os centros universitários têm autonomia para isso —assim como as universidades, que, contudo, devem obrigatoriamente oferecer um volume expressivo de pesquisa e cursos de extensão.

O diretor da área de negócios do Uniflato, professor Wanilson Benevenuto, diz que, apesar da autonomia, os cursos são submetidos à avaliação do MEC (Ministério da Educação) em um período de quatro anos. Segundo Benevenuto, convocar professores para dar aulas em horários tão pouco convencionais não foi difícil, já que a maioria é diretor de área e está envolvida desde o início com o projeto. O próprio Benevenuto dá aula em administração.

## Metade do preço

Para facilitar a divulgação da iniciativa e atrair outros entusiastas, as mensalidades são mais em conta do que as dos

horários convencionais.

O aluno do curso de RH Charles Lucas Farias, 22, conta que foi atraído pela oportunidade de pagar 50% da mensalidade do horário que frequentava anteriormente, o das 19h. “De R\$ 384, passei a pagar R\$ 192”, diz ele, no intervalo da aula de fundamentos da gestão de marketing, à meia noite.

Athia Jr. diz que ainda não é possível avaliar se o rendimento das turmas “notívagas” é igual. Mas o professor de contabilidade Djalma de Carvalho teoriza: “É mais fácil o aluno ter sono na aula das 14h, depois do almoço, do que na das 23h.”

“Venho pilhada do trabalho, não sinto o menor sono. Quando chego em casa, às 2h, ainda demoro pra dormir”, diz Tatiana Arruda, 22 anos, aluna do curso de administração.

A **Folha** assistiu à aula de Carvalho e observou que a turma parecia muito animada.

## Aplicação na padaria

Uma das explicações para o comprometimento dos alunos pode estar na disposição extra

de quem escolhe um horário não convencional. “Eles vêm mais focados”, diz Benevenuto.

O padeiro Júlio Pereira, 29, que trabalha das 7h às 22h, já tentou cursar administração à tarde, horário de pouco movimento na panificadora da família, mas teve de trancar.

“Pensei que poderia deixar alguém no meu lugar, mas não deu. Trabalho de domingo a domingo e não tenho condição de me ausentar”, explica Pereira, que quer aperfeiçoar os conhecimentos de administração.

Do lado de fora do prédio, não há o menor resquício da efervescência que se espera de um campus —frequentado, de dia, por 8.000 alunos.

Em relação ao acesso, há pontos negativos e positivos. O aluno Charles Lucas diz que, como não há transporte público, ele caminha uma hora até chegar em casa. Mas há vantagens. O professor Fábio Souza diz que, às 5h, é possível vir de Pirituba (zona norte), onde mora, até a avenida João Dias, em 20 minutos —tempo quatro vezes menor se fosse às 17h45.

## Memorização é menor à noite, diz pesquisador

SAMANTHA LIMA  
DA SUCURSAL DO RIO

O especialista em cronobiologia da Unicamp Edson Delattre adverte que a capacidade de memorização e de aprendizagem das pessoas atinge o ápice entre o fim da manhã e o início da tarde. “Independentemente da hora em que a pessoa costuma acordar ou dormir, é à noite que o sono é mais reparador e que os neurônios se restabelecem. A capacidade de aprendizagem é reduzida.”

Delattre afirma que a solução seria escolher o horário de acordo com seus hábitos de sono e tentar compensar da melhor forma possível as horas mal dormidas. “Cerca de 20% da população dorme muito tarde ou acorda muito cedo e, para elas, não haveria tantos problemas.”

Quem dorme mal por muito tempo ameaça a saúde. “Há riscos de se desenvolver problemas gástricos e de pressão arterial. Quem dorme mal também abrevia os dias de vida”, alerta.

Em termos profissionais, especialistas dizem que o mercado não discriminaria

alunos vindos de cursos superiores “da madrugada”.

“Não é o horário que determina se o curso é bom, mas a qualidade das aulas e dos professores”, diz Roberto Carvalho Cardoso, presidente do Conselho Federal de Administração. “Vivemos numa cidade 24 horas, o que torna isso aceitável”, diz Maria Inês Felipe, vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos.

Para o consultor e ex-reitor da USP Roberto Lobo, o risco é a falta de rigor. “Como a maioria trabalha fora e estuda de madrugada, o professor pode facilitar a aprovação para não desestimular”, diz.

“Outro problema é que esse horário não favorece ao aluno frequentar bibliotecas e assistir a palestras, o que empobrece a formação.”

O MEC não faz restrições, mas a experiência já fracassou. Segundo o Ministério, cursos na madrugada “não constam das estatísticas”. Em 2002, a Estácio de Sá criou um de extensão em informática, que durou dois semestres. Segundo a universidade, foi encerrado “por razões mercadológicas”.

A Uespi (Universidade Estadual do Piauí) ofereceu cursos pós-noturnos entre 2000 e 2004, mas os interrompeu. A instituição não informou por que desistiu.